

## **Circulação intelectual entre América Latina e Moçambique: a trajetória de Iraê Lundin**

Thiago Henrique Mota<sup>1</sup>

A entrevista a seguir foi realizada com Iraê Baptista Lundin, em dezembro de 2014, no Instituto Superior de Relações Internacionais (ISRI), localizado em Maputo, Moçambique, onde ela atuava como professora. O texto integra o projeto 0040/13, *As relações sócio-políticas contemporâneas entre Brasil e Moçambique (1960-2010)*, financiado pela parceria entre CAPES e Associação das Universidades de Língua Portuguesa – AULP. No contexto do tema, a trajetória de Lundin revelou-se importante, uma vez que ela ingressou em Moçambique em 1984, após ter se refugiado na Suécia, em função da ditadura civil-militar no Brasil. Nesse país, teve contato com inúmeros latino-americanos que também buscavam refúgio, fugindo das ditaduras na América Latina, especialmente do Chile. Uma vez em Moçambique, Lundin continuou a encontrar-se com conterrâneos da América Latina, que trabalhavam na construção do país, após o fim da colonização portuguesa. A pesquisadora, professora, ativista social e agente de negociação em processos de paz teve uma atuação marcante nas questões concernentes ao fim dos conflitos pós-coloniais em Moçambique, diante de relações com a África do Sul e, no quadro interno, entre os grupos FRELIMO e RENAMO. Nascida no Brasil, Iraê Lundin formou-se em Antropologia, doutorada em Geografia Econômica, em 2007, pela Universidade de Gotemburgo, na Suécia. Foi professora de Metodologia de Pesquisa no ISRI desde 1992, onde também dirigiu o Departamento de Estudos Sociopolíticos e Culturais no Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (CEEI-ISRI). Ela faleceu em Moçambique, em 2018.

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade de Lisboa; professor na graduação e pós-graduação do Departamento de História na Universidade Federal de Viçosa. Essa entrevista resulta do projeto 040/13, “As relações sociopolíticas contemporâneas entre Brasil e Moçambique (1960-2010)”, financiado pela CAPES/AULP entre 2013 e 2015. Contato: thiago.mota@ufv.br.



**Thiago Mota:** Olá, professora Iraê Lundin! Obrigado por me receber aqui. Hoje é nove de dezembro de 2014 e começamos agora nossa entrevista. Professora, a senhora pode abordar aspectos das relações internacionais entre Brasil e Moçambique, pensando em uma perspectiva sociocultural? A senhora poderia relacionar este tema com a sua trajetória de vida neste país...

**Iraê Lundin:** Bom, a minha trajetória de vida, na realidade... Eu só nasci no Brasil, o Brasil não me quis. Tratou-me mal, tratou mal minha família, nós então saímos. Eu venho para Moçambique pela Suécia, que foi o país que me adotou, o qual deu-me uma nacionalidade. Eu venho porque falava português, nem tinham um interesse maior por esse país. Trabalhava no Quênia, fazendo um trabalho de pesquisa ligado ao meu doutoramento na altura. Mas, pronto! Vim pra cá e aqui realmente havia um grupo grande de brasileiros e nenhum deles vinha do Brasil, todos vinham de diferentes países europeus porque estavam refugiados pela história triste que o Brasil tem nos anos 1960 até os anos 1980. Então nós viemos para cá, muitos de nós... Bom, eu era professora universitária, sou antropóloga, sou especialista em geopolítica, cientista política e cientista social, então eu vim trabalhar nesta área. Vim trabalhar na Universidade Eduardo Mondlane. E havia muitos brasileiros em diferentes áreas. Na Universidade Eduardo Mondlane, naquela altura, já não havia mais ninguém. Eu estou a falar de 1983, a maioria já não estava. Eu só ouvia referências, *falar de*. Mas ainda havia muitos, no Ministério da Agricultura, principalmente. E havia alguns que faziam filmes ou coisas parecidas

nessa área das artes. Havia alguns ainda no Ministério do Comércio, havia uns arquitetos etc., etc., havia químicos... Então havia um grupo razoável de brasileiros que vieram para cá em solidariedade a Moçambique. Quando [o país] ficou independente, não havia quadros. Portugal administrou muito mal sua colônia! Parece que havia 14 moçambicanos com curso superior, não concluídos até. A Universidade Eduardo Mondlane era nova, recente. Não tinha esse nome, chamava-se Estudos Gerais. O nome Eduardo Mondlane, obviamente, veio depois da independência. Então, realmente, tinha necessidade de tudo, tudo, tudo, tudo. Então, eu vim pela Suécia, pela solidariedade sueca e viemos apoiar basicamente a educação e a saúde. Então, eu vim na área da educação. Esse é um pouco a história da... E vim porque falava português. Eu também falava outras línguas, trabalhava em outros países, mas era difícil encontrar gente que falasse português. Então, alguém descobriu que eu tinha o domínio desta língua e fui convidada para vir dar aulas de antropologia, então vim. E estou aqui há trinta anos!

**Thiago Mota:** A senhora iniciou sua formação no Brasil ou foi na Suécia?

**Iraê Lundin:** Na Suécia, tudo na Suécia. Eu, no Brasil, até estudei um ano e meio Arquitetura. Era muito jovem, mas era uma aluna, digamos, bastante aplicada. Então já estava na universidade. Então, saí. Quis fazer Economia em Moscou. Depois, eu vi que não era bem aquilo. Quis fazer Arquitetura, na Suécia. Arquitetura era muito engenharia. Então, não era isso que eu queria. Então fui fazer Matemática. Minha primeira pós-graduação, meu doutoramento, é em Matemática, Lógica. Fiz a minha tese. Então, quando eu estava a terminar o curso, mais ou menos a terminar, tinha um professor, que era membro do Partido Comunista, e nós conversávamos muito sobre política. Muito mesmo! Então, tinha eu, Constantino – um colega que era grego, outro país que também tinha ditadura, não é?! Depois até foi ministro na Grécia. Então estávamos eu, Constantino e uma moça da Islândia. Éramos muito amigos. Então, começamos a ter um debate muito grande sobre política. E nós estávamos a preparar nossas teses de doutoramento. Então, um colega (não nós três, um outro) disse: “Mas, professor, eu não estou a perceber bem isto, este meu teorema. Vou usar isso para quê?” E ele disse: “Isso não é a sua preocupação. Deixe aí seu teorema. Você vai doutorar-se, brilhantemente, você é um bom aluno! E amanhã ou depois alguém vai descobrir um uso para esse seu teorema. Assim

como hoje sabemos que aceleração, isso tudo vem de bases matemáticas. A maior parte dos movimentos do veículo são teoremas matemáticos que foram transformados.” E aí, nós começamos a ter um diálogo muito interessante: de como nós, que éramos tão ativos politicamente, estávamos a trabalhar num nada. Estávamos a gastar o nosso dinheiro em algo que... o nosso tempo em algo que não tinha nenhum valor para a humanidade. E aquela conversa me fez deixar a Matemática. E fui estudar as Ciências Sociais. Graduei-me em Antropologia Social, depois fui estudar Ciências Políticas. Fiz especialização em Geopolítica. E foi por causa disso, quer dizer, uma conversa, com um professor vivo, até hoje me lembro bem! Saímos os três colegas e fomos estudar [*Ciências Sociais*]. Mas graduamos em Matemática, não deixamos lá... Faltava tão pouquinho, né! Então, fomos. E foi uma, digamos assim, uma luz que se abriu para nós virmos fazer... E eu queria... eu tinha nascido nas Américas, tinha morado muitos anos na Ásia, então meu interesse era a África, eu queria aprender coisas novas. Então, eu sou africanista, dentro das Ciências Sociais e Políticas.

**Thiago Mota:** *A senhora pode explicar de onde vem a ligação entre Moçambique e a Escandinávia, os países escandinavos...*

**Iraê Lundim:** Os países escandinavos apoiaram as lutas dos povos oprimidos. São países que têm uma trajetória histórica muito interessante. Então, quando eu estava refugiada na Suécia (e eu até hoje tenho ligações com colegas), estávamos nós, a América Latina inteira, estava o Vietnã, o Laos, Camboja, estava Omã, os curdos, estavam Portugal e Espanha, porque também eram ditaduras, estavam os americanos (por causa da Guerra do Vietnã, tinha muito soldado refugiado que não queria matar vietnamita na Guerra do Vietnã). Estou a falar dos anos 1970, de 1971, basicamente. Então foi um país que nos recebeu e tinha essa política. Eu cheguei antes do golpe no Chile, mas quando teve o golpe no Chile, a Suécia foi um dos países que abriu. A embaixada sueca em Santiago do Chile foi uma das maiores aberturas para apanhar os refugiados que vinham do Chile, onde havia brasileiros, chilenos, colombianos, bolivianos, uruguaios, argentinos etc., etc., estavam no Chile e, então, saem. Era um conde, era um nobre, a Suécia é um país monárquico, é uma monarquia constitucional. Então, o embaixador era um nobre. E esse senhor, digamos, no auge da sua nobreza, se me permite um trocadilho, ele abriu

a embaixada e recebeu qualquer quantidade de latino-americanos de uma maneira incrível. Eu já estava [na Suécia]. Eu venho de outra leva, não passei pela América Latina. Mas a Suécia, então... Nós tínhamos movimento de solidariedade com os países latino-americanos e asiáticos, que estavam em conflito lutando pela sua liberdade, e os países africanos que ainda nem eram independentes, eram colônias. Então, estava na Suécia gente da Guiné-Bissau, de Angola, da Namíbia, da África do Sul... Nós convivemos com essa gente toda, então criou uma amizade daquela época: nós como pessoas e os Estados Escandinavos – a Suécia, a Noruega e a Dinamarca, a Suécia com um pouquinho mais de proeminência – apoiavam os movimentos de libertação. Não apoiavam com armas, porque eles nunca foram a favor deste tipo de apoio. Eles apoiavam com educação e saúde. Durante a luta de libertação na Tanzânia, estavam estes movimentos a que eu fiz menção, a SWAPO [*South-West Africa People's Organisation*], da Namíbia; o MPLA [Movimento Popular de Libertação de Angola], de Angola; a FRELIMO [Frente de Libertação de Moçambique], daqui; a ANC [African National Congress], da África do Sul, estavam ali e recebiam o apoio da Suécia em alimentos, em dinheiro para livros e medicamentos, e pessoas que vinham, professores, ligadas à área da educação e ligadas à área da saúde. Havia um grupo, isso de parte do Estado, mas mesmo de parte da sociedade civil, havia um grupo que chamava Grupos Áfricas da Suécia, que apoiava só os movimentos africanos, do qual eu fazia parte – pelas minhas origens, eu sou filha de pai africano. Então, quando ficaram independentes, esses países necessitavam de ajuda. E houve, então, um intercâmbio. E foi com base nessa ajuda que nós viemos. Continuaram os mesmos dois setores – educação e saúde – e um pouquinho na agricultura. Eram os grandes três setores que eram apoiados pelos países escandinavos e que até hoje ainda são apoiados. Eu, durante anos, trabalhei na universidade, paga com salário sueco. Eu era o que eles chamavam de cooperantes. A gente vinha cooperar e, depois, passado algum tempo, Moçambique pediu para eu ficar. Eu tinha interesse, deram-me a nacionalidade e hoje sou funcionária do Estado moçambicano já desde [mil novecentos e] oitenta e... Sou funcionária do Estado Moçambicano, mas o vínculo com a Suécia continua. A Suécia continua sendo um país que é um dos maiores doadores ao orçamento do Estado moçambicano, além de doar, ainda, na área da educação – essa é sua área básica, central –, mas também na área da agricultura. E outros países escandinavos doam em

outras áreas. Então, a ligação vem daí. Vem desde a época da luta, quando a Suécia era solidária com os países colonizados ou com os países onde havia muita opressão. E até hoje ainda é. Não sei se você acompanhou, faz duas ou três semanas que o novo governo sueco foi o primeiro governo europeu a reconhecer o Estado palestino. Então, tem uma política externa de bastante solidariedade para com os povos oprimidos. A *Amnistia Internacional*, por exemplo, que é uma organização sediada em Londres, tem uma grande base na Suécia. Então, daí vem essa ligação.

**Thiago Mota:** No período em que a senhora chegou, as relações entre Brasil e Moçambique eram frias ainda?

**Iraê Lundim:** Não, não era. Isso é uma coisa bastante interessante, e que por acaso eu trato neste livro que fizemos sobre a política externa<sup>2</sup>. O Brasil, apesar de viver uma ditadura bastante pesada, nós que realmente somos testemunhas disto..., teve uma atitude muito interessante em relação às ex-colônias africanas. Foi o primeiro país a reconhecer Angola, em [19]75, por exemplo. E quando eu cheguei aqui havia uma embaixada brasileira, já com embaixador, em [19]83, e que veio muito rapidamente, neste livro você tem um pouco desta história. Então, eram relações bastante amigáveis, não eram frias, apesar de um governo ditatorial. Essa faceta dos militares brasileiros é uma faceta talvez pouco conhecida e interessante, de uma certa maneira, *né?* Não sei o que viram... porque estávamos na Guerra Fria. Eles eram, claramente, tacitamente, dentro do lado Ocidental. Angola e Moçambique, neste caso, eram... estavam como Países Não Alinhados, mas estavam muito mais no lado socialista, não é? Mas, entretanto, tiveram essa atitude que parece-me um tanto paradoxal. Não sei se alguém já estudou isso para perceber as razões, não sei se viu o potencial de comércio, não sei exatamente o *quê* que viu, mas realmente teve uma atitude um pouco paradoxal, no sentido de reconhecer países que, claramente, estavam alinhados num bloco que não era o seu. Então, é um paradoxo, que nós encontramos aqui, que eu encontrei aqui quando cheguei. Fiquei um pouco surpresa de ver que

---

<sup>2</sup> WACHE, Paulo M.; LUNDIN, Iraê Baptista; FAINDA, Valter; GOMES, Sérgio. *As potências emergentes na construção da multipolaridade inclusiva: uma abordagem comparativa da política externa dos BRICS*. Maputo (Moçambique): Instituto Superior de Relações Internacionais, 2014.

ao lado das embaixadas russas, búlgaras, romenas, chinesas, coreanas, estava lá a embaixada... escandinavas (essas sempre estiveram, também, desde a luta apoiaram bastante), estava a embaixada brasileira, ali. Era assim um paradoxo bastante interessante.

**Thiago Mota:** E nesse período houve uma grande circulação de intelectuais, para atuar na Universidade, nas instituições do Governo?

**Iraê Lundim:** Sim. Para começar, naquela altura, só havia instituições do governo. Era um Estado socialista, de partido único, então não havia setor privado. As empresas eram estatais. Alguns foram trabalhar em empresas, mas estatais. Eu fui trabalhar na universidade. Outros foram trabalhar no Ministério da Agricultura ou em empresas ligadas ao ramo agrícola, outros no Ministério do comércio..., mas tudo era do Estado. A viragem para a economia de mercado começou a acontecer em 1985, janeiro de 1985. Em 1984, Moçambique aderiu aos Bretton-Woods, em 1985 houve a primeira abertura e, em 1987, houve o plano ?..., como se diz isso em português..., está me fugindo. Mas era a reestruturação econômica, a partir de 1987, janeiro de 1987. Então, foi quando começou a surgir escolas privadas, medicina privada, as empresas foram privatizadas. Em 1993, as casas começaram a ser vendidas, porque até elas eram todas do Estado. O Estado nacionalizou tudo. Os portugueses foram embora e o país ficou sem quadros. Então, nós viemos exatamente para suprir essa lacuna. Então, éramos nós, refugiados de diferentes países latino-americanos, alguns refugiados africanos também havia, do Zimbabwe, Congo e outros eu encontrei aqui, e os outros eram soviéticos, búlgaros, ucranianos, chineses, coreanos, eram esses... cubanos, eram esses que supriam as necessidades que o país tinha de quadros.

**Thiago Mota:** Após 1984, com a inserção de Moçambique no Bretton-Woods, a senhora percebe alguma transformação no fluxo de intelectuais, de imigrantes, de exilados, antes e depois ou não muda muita coisa? E, assim, pensando esse fluxo de acordo com as estratégias tomadas pelo Estado.

**Iraê Lundim:** Muda, primeiro porque também abre do outro lado. Nesta época, quer dizer, veja: quando eu cheguei aqui em 1983, muitos brasileiros já tinham voltado para o Brasil. Então,

o próprio Brasil abriu. Então, gradualmente abriu o Chile, e a grande maioria eram chilenos. E, então, quer dizer, foi... eu não vou dizer lei natural das coisas porque não seria verdade, mas foi Moçambique mudando de rumo, mas foi também o mundo mudando de rumo. Então, foi mais ou menos dois lados. Então, na mudança de rumo lá fora, muita gente que estava aqui por falta de opção, voltou para onde era sua primeira opção, que era o seu país de origem. Então, voltou para lá. E Moçambique voltou-se a outros interesses. E, obviamente, vieram outras pessoas. Então, a partir daí você começou a ter assessores americanos, assessores... aí já era uma coisa bem diferente. Mesmo os assessores que vinham, por exemplo, dos países escandinavos já não tinham, necessariamente, aquele *background* que nós tínhamos. Então, sim, mudou a constelação..., mesmo hoje está cheio de assessores técnicos no país. Mas não têm esse *background* que nós tínhamos. Alguns até têm. Regressam depois. Por exemplo, eu me lembro: tinha muita gente aqui da RDA, República Democrática Alemã, que voltou. A Alemanha vira um país só e eles vêm trabalhando... conheciam o português, então vêm pelo Banco Mundial, vêm pelo Fundo, vêm por outras..., mas muitas vezes até são as mesmas pessoas. Mas vêm com outra ligação. Por exemplo: mesmo sueco... o atual embaixador dinamarquês aqui, ele foi cooperante pela Dinamarca. É agrônomo, depois ele volta como embaixador. A ex-embaixadora sueca, que saiu em julho, ela antes esteve aqui, como economista, depois voltou como embaixadora. Quer dizer, então, as pessoas vão ficando mais velhas, apanhando outras formações... então realmente muda. Ainda temos um grande fluxo de médicos. Ainda são cubanos. Hoje, muitos chineses também. Mas já tem médicos de muitos outros países. O grande fluxo de professores, que eram soviéticos, das diferentes repúblicas dentro da União Soviética, muitos hoje voltam. O atual embaixador russo esteve aqui nos anos [...]. É, o atual embaixador russo, o Andrei. Então, muda a perspectiva, mas muitas vezes até são as mesmas pessoas. Mas, aquele fluxo grande, aquelas pessoas saíram. Daquela época, aqui, hoje, nós somos pouquíssimos! Talvez não chegue nem a dez pessoas daqueles intelectuais. Bom, uns nem eram intelectuais. Eram pessoas que vinham tentar dar o seu contributo. Moçambique precisava de tudo. Não tinha. Mesmo se você tivesse a nona, décima classe, também chegava, porque eles não tinham, não tinham mesmo. Muita gente até veio com baixa formação (e foi por isso também que o país depois pagou caro) e trouxe ideias um pouco estapafúrdias e que depois não

deu certo. Mas, sim, mudou. Para responder a sua pergunta, mudou muito a constelação, mudaram os interesses. Mas uma coisa que não mudou é essa capacidade que esse país tem de fazer com que a gente muito rapidamente, muito facilmente passe a amá-lo. É um país muito fácil de amar, *né!* Hoje, é até um país rico, *né*, que agora tem gás..., mas naquela altura não tinha nada. Tinha um... não sei... é uma coisa qualquer que faz com que seja fácil ajustar-se. A aceitação do outro é muito fácil, era muito fácil a integração. E, talvez, não fosse fácil em outros países, não sei.